

Carlos Ernani Rosado Soares



50 ANOS

– Faculdade de Medicina de Natal –



COLEÇÃO **MM** **MOSSOROENSE**

Série "B" – Número 2774 – Outubro de 2005

Fundação Vingt-un Rosado – Coleção Mossoroense

Av. Jorge Coelho de Andrade, 25

Bairro: Costa e Silva – Mossoró/RN

CEP: 59 625 – 400

Telefones: (0**84) 312 2675 ou 312 3180

E-mail: fvrcm@uol.com.br

Discurso pronunciado em 19/08/55 no Blue Tree Park (Pirâmide Convention Center), iniciando as comemorações do cinquentenário da Faculdade de Medicina de Natal.

Chego a esta solenidade carregado da minha mais profunda emoção. Aqui cristalizada vejo a síntese da minha vida, simbolizada na profissão que abracei e na catedral dos sonhos da formação dos seus pastores.

Não vai lhes falar nesta noite a minha pessoa. Aqui sou algumas dezenas de professores desta Faculdade por mim representados, aqui sou quase quatro mil profissionais por ela doados ao Brasil nestes cinquenta anos, aqui sou centenas dos seus dedicados funcionários, simbolizo ainda todo um universo familiar que cercou essa história. Represento ademais um mundo de pacientes cujas vidas foram salvas, cujas saúdes foram recuperadas por esses profissionais que a Faculdade de Medicina de Natal legou e

vem legando ao estado e ao país. Fala por mim, por conseguinte, todo um Rio Grande do Norte agradecido e rejubilado por ter tido a ventura e o privilégio de abrigar esta Faculdade de Medicina, e aqui reverencia seus vultos maiores tomando como paradigma a figura de Onofre Lopes.

Volto à Natal dos anos quarenta, quando aqui morei pela primeira vez. Cidade calma, provinciana. De linhas de bonde, arborizada, ruas largas-- heranças de Palumbo, e uma população amena e despreocupada. De repente, vem a guerra. Há toda uma transformação físico-psico-social, já muito bem descrita, e quando esta termina, em 1945, já somos uma cidade onde muita gente fala Inglês, se veste de modo diferente dos padrões europeus, já sabe o que é Coca-Cola, e conheceu astros e estrelas do cinema, e grandes personalidades internacionais. Esta, aliás, já era a predestinação histórica de Natal. Desde a década anterior a aviação comercial aqui fizera pouso, e os grandes nomes da aeronáutica mundial se faziam presentes e divulgavam o nome da cidade. Com essa vocação cosmopolita, não era de estranhar que o escritor John Gunther, décadas depois, em um dos seus livros, dissesse que Natal era a cidade mais aberta que já conhecera, e olhe que ele visitara o mundo todo e sobre todo o mundo escrevera.

Então, a cidade necessitava se expandir, e o limite tradicional de xarias e canguleiros tinha que ser necessariamente revisto, posto que as fronteiras da cidade

tomavam outros azimutes, e não mais podiam ser ditadas pela regra: xaria não desce, canguleiro não sobe.

Por que insisto em tomar essa diretriz? Sigo o bom caminho de Euclides da Cunha: não quero entrar na luta, sem falar na terra e na gente.

E aí estava Natal em 1955, estimados 200.000 habitantes. Certamente a cidade mudara muito, mas lembremos que seu limite ainda era a “corrente” um pouco adiante da Faculdade de Odontologia atual, onde o posto fiscal exercia sua função; Ponta Negra era distante vila de veraneio alcançada em estrada de areia de pista única ladeada por granjas e matas; também em via única, mas esta asfaltada durante a guerra, chegava-se a Parnamirim, e a nossa querida “pista” foi durante tantos anos um referencial na cidade. A Zona Norte era representada apenas pelos veranistas da Redinha que lá aportavam ou pela inesquecível ponte metálica de Igapó ou pelos barcos a vela e as velhas lanchas no Potengi. Não vamos esquecer que onde está hoje nossa imponente Catedral, era a simpática Praça Pio X, areal puro com uma original peixada em cujo primeiro andar havia um coreto que era o palco de grandes oradores políticos, e o cinema Rio Grande inaugurado há pouco tempo era ainda uma grande sensação.

E que existia em Natal em termos de ensino superior? A Faculdade de Farmácia e Odontologia, que começara na década de 20 e se encerrara poucos anos depois, sendo retomada na década de 40, a Escola de Serviço Social, que

data de 1945, e a Faculdade de Direito que, criada em 1949, só conseguiu começar a funcionar em 1954, cinco anos depois. Em março de 1955, seria criada a Faculdade de Filosofia. De passagem, registre-se a existência desde 1941 de um Instituto Filosófico S. João Bosco, transferido de Jaboatão para Natal por iniciativa de dom Marcolino Dantas para formar clérigos salesianos em Filosofia, Ciências e Letras, e que funcionou até 1959 na chácara doada por D. Inês Barreto, e onde hoje é o Colégio Salesiano.

De modo que restava, para aqueles que podiam enfrentar, a ida para outras cidades. Hoje talvez não seja tão fácil imaginar o que isso representava. Famílias de classe média, bloqueadas por orçamentos limitados, e todos fazendo enorme sacrifício financeiro e emocional. Vivemos todos anos e anos, cheios de saudades e separações. Comunicações: só carta, telegrama ou portador. O telefone interurbano era inexistente, posto que havia uma só companhia com um canal único, e a pessoa tinha que ir na sede da mesma tentar o difícil contacto. Muitos podemos enfrentar essa batalha, mas certamente tantos não tiveram essa condição, e isso seguramente muito calava na mente de Onofre Lopes, como veremos no correr destas lembranças.

Vamos inserir na análise da cidade, de modo comparativo, um magnífico cotejo, feito no mesmo ano com a cidade do Recife, por um dos seus filhos ilustres, e que está visitando Natal, para se integrar definitivamente

nessa linda história que estamos prestes a contar: Eduardo Wanderley Filho. Professor de Cirurgia, brilhante, humanista, intelectual, ele viria a dizer a respeito de sua Recife, e vamos repetir com ele, transplantando para Natal: era uma cidade menina-moça, menina que sobra na conversa dos velhos, e moça a quem os jovens já não contam mais segredos íntimos.

Quanto à assistência médica, vivíamos uma situação também singular: não tivéramos aqui a presença benfazeja das Santas Casas de Misericórdia. Mas tivemos médicos, políticos, e cidadãos de visão e sensibilidade para fazerem suas vezes. E aí já avultava a figura de Januário Cicco, a quem coube a tarefa de dirigir a instituição que surgiu.

Foi em 1909 que o Governador Alberto Maranhão mandou adaptar velha casa que lhe pertencera, situada no Monte Petrópolis, para ser transformada em Hospital, originando-se daí seu primeiro epônimo: Hospital do Monte. Até então, havia um “depósito de doentes”, criado na antiga Rua da Salgadeira pelo Presidente Passos.

Por oito anos, Januário foi seu único médico até a chegada de Otávio Varela, em 1917, parceria que durou toda uma vida. A visão administrativa de Januário Cicco e a sensibilidade política de José Augusto Bezerra de Medeiros, então Governador do Estado, levaram à criação, em 1927 da Sociedade de Assistência Hospitalar, que, numa coincidência histórica, tinha como um dos fundadores o sr. José Lagreca, avô do atual diretor do Hospital Universitário.

Ao criar a Sociedade de Assistência Hospitalar, começou a congregar uma plêiade de entusiastas, assumindo, destarte, o sério compromisso de prestar assistência à população carente do Estado. Não vou repetir aquilo que Iaperi Araújo, com a costumeira competência e elegância, já referiu.

Vale dizer a capital influência que teve a visita de Onofre Lopes, já àquela altura integrado na equipe, aos Estados Unidos em 1950, em viagem de estudos, quando verificou o mecanismo de funcionamento das universidades e hospitais universitários, certamente com a visão futura do ensino médico, ao regressar, fez ver a Januário Cicco, a necessidade de se implantar modelo semelhante aqui no Rio Grande do Norte, fato muito avançado para a época. Houve uma feliz coincidência de sucessivos governantes de mentalidade aberta aliada a um grupo de respeitáveis e confiáveis membros da comunidade.

Januário Cicco conseguiu do então Governador Silvio Pedroza que a área ocupada pelo Hospital Miguel Couto como já se chamava então fosse doada à Sociedade de Assistência Hospitalar, mantidos os compromissos da mesma de continuar prestando seus beneméritos serviços à comunidade, posto que providência semelhante fora conseguida junto à Prefeitura com relação à Maternidade que viria a ter seu nome. Não chegou a ver concretizada essa última etapa.

Afinal, uma parte se despojava de bens e a outra assumia compromissos da maior responsabilidade e relevância. Atentemos bem ao que isso representou.

Não conheci Januário Cicco. Valho-me de escritos e depoimentos para ter o traçado fiel de sua figura. Homem de extraordinária visão, vontade férrea, princípios rígidos, temperamento forte, passional. Após o rude golpe que sofreu, perdendo em poucos meses a esposa e a única filha, dedicou-se integralmente à consecução da obra que visualizara. Viria a encontrar uma contrapartida perfeita na pessoa de Onofre Lopes, contrariando frontalmente a lei da Física da não atração de partículas de eletricidade de mesma carga. Ao contrário. Afinaram-se. Complementaram-se. Januário depositou total confiança em Onofre. Sentindo aproximar-se a morte, fez ao mesmo seu dramático apelo: não deixe minha obra perecer. Esse fato de grande significação e impacto emocional me foi relatado pelo meu dileto amigo Comandante Graco Magalhães Alves, que o presenciou.

Não posso deixar de fazer o registro que desde 1909, Januário Cicco e posteriormente Onofre Lopes e os sucessores contaram com a inestimável cooperação das Irmãs de Sant'Ana, cuja contribuição jamais poderá ser suficientemente enaltecida.

A criação de um Centro de Estudos no Hospital seguramente vai ter grande influência, e deve ter feito parte de um plano elaborado. E então, com o incentivo e articulação de Ovídio Montenegro, em janeiro de 1955 vai

ter lugar uma Semana de Estudos, sendo que na véspera de sua realização, em sessão da Sociedade de Assistência Hospitalar fora deliberada a criação da Faculdade de Medicina.

Para cá vieram: Antonio Figueira, Diretor da Faculdade de Medicina do Recife, e mais duas dezenas de professores da mesma, entre esses Marcionilo Lins, Catedrático de Bioquímica, Francisco Montenegro, Catedrático de Fisiologia, e o inesquecível Eduardo Wanderley, de Técnica Operatória e Cirurgia Experimental, com praticamente toda a sua equipe. Tive a felicidade de acompanhar tudo isso.

E foram conferências e demonstrações cirúrgicas sem fim. Várias pessoas da cidade foram operadas, inclusive a nossa querida D. Selva Lopes, aqui presente, a minha saudosa D. Dulce Figueiredo, tia de minha esposa Madalena e viúva do Dr. Aderbal Figueiredo, que havia sido figura de proa no velho Hospital. Salomão Kelner realizou a primeira colapsoterapia pulmonar com bolas de lucite, técnica que ele acabara de aprender nos Estados Unidos. Foram várias as intervenções cirúrgicas demonstradas, e outras tantas conferências sobre os mais diversos assuntos.

Ao mesmo tempo, a atividade social era intensa, posto que recepções não faltavam. Lembro especificamente uma em casa de Dr. Sarinho, lá na Rua Mipibu, 353, e outra em casa de Dr. Onofre, onde ainda hoje é na Manoel Dantas, e o jantar final na Escola Doméstica, em banquete realizado a

5 de fevereiro quando Dr. Onofre leu a resolução que criava a Faculdade de Medicina de Natal.

Nessas recepções eram inevitáveis os discursos, e aí se fazia presente a inesgotável inspiração do Dr. Mariano Coelho, consagrado orador e poeta. Estou a vê-lo, elegante nas idéias a comparar os casais Kelner e Schüller que nos visitavam com o casal Curie em sua trajetória comum em prol do progresso da ciência.

Eu, ainda estudante de Medicina, tive o privilégio de viver esses momentos. Fiquei, por anos, a lembrar, como Marcel Proust, em “O TEMPO REDESCOBERTO”: É com adolescentes que duram certo número de anos que a vida faz os velhos.

Começam, a partir daí, os febricitantes preparativos: legais e operacionais. Onofre Lopes conta com o apoio muito forte de Jurandir Lodi e de outras autoridades federais. Os recursos são parcimoniosamente arrecadados e destinados. Professores são selecionados com muito critério. Aponte-se para o fato de que vários deles cujos nomes constam da Ata de 22 de março de 1955, por motivos diversos, não assumiram suas funções. Vamos para as instalações. Eudes Moura fornece as idéias quanto à localização e disposição do novo prédio, que são transplantadas para as pranchetas por Moacir Gomes e Arialdo Pinho. E em 10 de dezembro de 1955 ela é oficialmente instalada em uma linda solenidade, inesquecível, marcada por brilhantes discursos de dois mestres da Cirurgia: Eduardo Wanderley, sempre marcante,

representando o Reitor da Universidade do Recife, e José Tavares, figura excepcional de profissional e intelectual. Eram dois gigantes que tinham enormes traços de aproximação: renomados cirurgiões, humanistas, cultos, de palavra fácil, ousaria dizer que até certa semelhança física aparentavam.

Em um ano, Onofre Lopes cumprira toda a trajetória de criação e instalação da Faculdade de Medicina de Natal, cotejando-se com cinco anos consumidos para que funcionasse a de Direito.

Há que se ter muito cuidado em que tudo seja feito com a maior seriedade: esta será uma tônica permanente da nova Escola. Onofre Lopes levava isso às últimas conseqüências: não permitiu que seu filho se submetesse ao vestibular em Natal para que se aprovado fosse, não pairasse nuvem de protecionismo... E lá se foi Onofre Junior estudar Medicina na Bahia. Era uma verdadeira obsessão. Veja-se a ata da 1a. Sessão da Congregação em 3 de março de 1956, falando do vestibular: o concurso se fizera dentro dos mais rígidos princípios de critério, justiça, e moralidade.

Em 1º de março de 1956, tem lugar a Aula de Sapiência ministrada por Reginaldo Fernandes, ele que muito ajudara na implantação da Faculdade. Teve lugar no anfiteatro da Maternidade Januário Cicco, e, como tema “Aspectos Sanitários do Nordeste”. A 14 de março, Luigi Olivieri profere a Aula Prima.

Nesse mesmo ano, Onofre vai a Ribeirão Preto, em companhia de Eudes Moura participar do I Congresso da AMB, altamente proveitoso, onde a temática do Ensino Médico era dominante. As recomendações que de lá saíram foram integralmente acatadas pelo então Ministro da Educação, Clovis Salgado. Nasceu aí também a amizade de Onofre Lopes com Zeferino Vaz, que foi Diretor da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto por dez anos, e fez da mesma referência nacional. Ele veio a Natal pronunciar algumas palestras às quais tive o prazer de assistir.

Não vos cansarei contando todos os detalhes. Já formado, fui convidado para ser assistente do prof. Travassos Sarinho, de Técnica Operatória e Cirurgia Experimental, em 1959, ao lado do meu colega Newton Azevedo.

E lá está no livro de Atas a minha posse, devidamente assinada pelo então Secretário, o Dr. Carlos Alberto Passos.

Comecei aí minha longa trajetória universitária, alcançando já a primeira turma que fora admitida em 1956. Foi no dia 13 de março daquele ano de 1959, que iniciei minha carreira dando uma aula sobre “Pré e pós-operatório”. Como esquecer os dias e a ansiedade que antecederam o fato? Preparei-me com afinco. Tinha experiência de aulas para pequenos grupos de Inglês e Matemática, e minha militância na imprensa falada esportiva me dava certa facilidade de expressão. Mas aquela emoção eu não esqueço! Parece ter sido uma boa

aula, pois terminada a mesma, um dos alunos veio me cumprimentar, identificando-se como professor de colégios, e, como tal, se achando na condição de aquilatar uma aula e gostara muito da mesma. Como fiquei querendo bem desde então a Cristóvão Gadelha! O local onde isto aconteceu não existe mais: era o antigo pavilhão de Anatomia, onde ficavam no mesmo ambiente os tanques com as peças, as mesas para estudos anatômicos, e a sala de aulas com seu prosaico quadro-negro. Situava-se em algum ponto hoje ocupado pelo complexo de diagnóstico por imagem.

A geração da informática ficaria atônita ao ver os antigos Diários de Classe, em qualquer das suas variantes. Lembro deles como se hoje fosse: capas verde-claro e as folhas onde se escrevia o título da aula, e se fazia a chamada, anotando-se os presentes, em duas vias, uma das quais era enviada à Secretaria e a outra ficava na Caderneta. Guardo ainda alguns documentos da época, preenchidos a mão pelas primeiras funcionárias da Secretaria: Maria de Lourdes Reis Câmara, Ana Alves de Brito e Rosa Lima.

Daí para frente foram mais 36 anos de ensino, até que em 1995, forçado pela insensibilidade ainda em curso -- para ser suave na definição -- com que já era tratada a maior parte do funcionalismo público federal, e o magistério em particular, incluindo claro a Universidade pública, vi-me forçado a requerer aposentadoria, com enorme tristeza no

coração. Tanto é assim que ainda hoje abuso da paciência dos alunos para aulas ocasionais.

Os professores recebiam um salário quase simbólico: um fixo e um pró-labore proporcional ao número de horas-aula. Essa condição perdurou por vários anos até que Onofre Lopes conseguiu, em tempo bastante curto para o vulto da empreitada, a federalização da Universidade, que viria em fins de 1960.

Naquela época, havia a Medicina Liberal e muitos podiam dedicar boa parte do seu tempo a exercer atividades em Santas Casas, outros hospitais beneficentes, e aí iria se inserir também a atividade universitária. Muitos medalhões, sobretudo nos grandes centros, instalavam seus serviços nesses hospitais. Trabalhar ali era título, que se colocava nos blocos de receituário!

Seguíamos uma quase tradição segundo a qual ser professor de uma Faculdade de Medicina tinha enorme significado. O fato é que estávamos imbuídos desse espírito, e vestíamos com fervor a camisa da nova Faculdade. O perfil dos professores daquela época era bem diverso da maneira pela qual se acessa hoje a carreira universitária, nem porisso desprovida de méritos, pelo contrário. À competência talvez menos patente ou incompletamente aquilatada aliavam-se o entusiasmo e a dedicação, e os frutos desse trabalho estão hoje aí bastante visíveis.

Claro que foi muita luta e sacrifício para Onofre Lopes atrair um nome do padrão de Luigi Olivieri para

ensinar Anatomia. Foi Genivaldo Barros, então fazendo especialização no Rio de Janeiro, e que já executara outras delegações, o emissário junto a Bertino Dutra, ex-interventor neste Estado e àquela altura na Presidência do Lóide Brasileiro, encarregado de conseguir as passagens marítimas para sua vinda. Mas isto durou pouco. Por motivos pessoais, ele deixou Natal no ano seguinte, retornando à sua Nápoles, e Deus escreve direito por linhas tortas... A solução estava em casa. Nascia aí a brilhante escola anatômica natalense, à frente o prof. Hiram Diogo Fernandes, que breve alcançaria respeito nacional, e que já doou tantos professores ao cenário universitário brasileiro.

Os anos seguintes foram difíceis, como era esperado. Afinal, eram professores que se iniciavam na arte do magistério. E foi decisiva a participação de Ovídio e seus amigos do Recife, pois muitas Disciplinas começaram com professores que vinham semanalmente, por vezes em seus próprios carros, sem remuneração, ministrar aulas. Alguns se exauriam na tarefa, outros se revezavam. Com o tempo, vários desistiram, até mesmo porque julgaram já ter preparado o substituto em âmbito local. São muitos os nomes daqueles que prestaram esse serviço à nova Faculdade: Silvio Paes Barreto, Barros Coelho, Vital Lira, Nivaldo Ribeiro, Cesário de Melo, Ivo Rabelo, Manoel Caetano, José Alberto Maia, Wilson Farias, Jorge Chiapetta, Pires da Veiga (este da Bahia), vejam os senhores como a tarefa não foi fácil.

Esse ideal nos impregnava a todos. Nós vivíamos a nova Faculdade, e tínhamos a emoção de estar participando de um evento histórico, como provou ser.

O trabalho de Onofre Lopes não parava, e logo depois viria a surgir a sua obra maior a Universidade do Rio Grande do Norte. Dele se poderia repetir a descrição: um homem que ampliava estreitos horizontes. Bem que eu gostaria de falar agora da Universidade, mas chegará o tempo, Reitor Ivonildo, daqui a mais três anos será a vez do seu cinquentenário também. Não posso, entretanto, me furtar a dizer que sua atuação à frente da Universidade seguiu o padrão a que se impusera e comandara. Jamais permitiu, mesmo em tempos difíceis, que a Universidade abrigasse atos ou intenções secundárias. Para ele, era a Universidade território livre e sagrado, e sempre será pouco se dizer do quanto representava a sua figura, acima muito acima de subterfúgios e intrigas.

À frente da Reitoria, mas sempre com o coração preso à Faculdade de Medicina, ele cria o CRUTAC, numa visão abrangente de interiorização da Universidade, antecipando-se em tantos anos aos diversos programas hoje desenvolvidos nas áreas de saúde, educação e assistência social.

Já tendo deixado a mesma, consolidou o processo por ele iniciado que trouxe para o Rio Grande do Norte em 1972 o Navio-Hospital HOPE, o qual ensejou dez meses de treinamento para os alunos e professores de Medicina e das demais áreas da Saúde, experiência singular somente

concretizada pela tenacidade e competência do seu filho Onofre Lopes Junior que tornou possível a grande realização.

Onofre Lopes era uma figura singular. De origem humilde, percorrerá todos os caminhos com muito suor e dedicação. Quando resolveu estudar Medicina, com sacrifício invulgar pela situação financeira de sua família, recebeu duas ajudas importantes. O então Governador José Augusto, novamente se inserindo na história da Medicina do Rio Grande do Norte, lhe concedeu uma bolsa para que fosse para Recife. Posteriormente, quando se transferiu para o Rio foi um comerciante chamado Godofredo Freire que lhe emprestou o numerário para tal. Emprestou não é bem o termo, posto que ele jamais aceitou receber o pagamento. Por toda a vida, ele foi grato, e jamais deixava de manifestar sua gratidão ao benfeitor.

Não era homem de gestos largos ou de risos exagerados. A voz tendia para o nasalado, mas tudo nele inspirava confiabilidade. Na sua presença, sabia-se estar diante de um homem sério, responsável, de palavra. Apesar dessa descrição algo severa, era cordial no dia a dia, e ameno no trato familiar, sobretudo com os netos que quebravam toda aquela carapaça. Diziam, ademais, que quando se tratava de convencer alguma autoridade para conseguir benefícios para a sua Universidade, poucos eram mais encantadores e convincentes... O fato é que entre nós dois houve desde cedo uma sintonia muito intensa. E não era nada difícil a regra de convivência com ele: estivesse ao

seu lado na luta pela Faculdade de Medicina e posteriormente pela Universidade, demonstrasse sua capacidade e dedicação, cairia inevitavelmente nas graças do mesmo. E ele parecia saber de quase tudo que acontecia na Universidade. Abdicara de uma carreira cirúrgica rendosa em prol de sua atividade administrativa. Era o grande “condottieri”, o grande inspirador, a grande liderança. Teve a ventura, ademais, de ver seu trabalho continuado na digna pessoa do seu filho Onofre Junior, que dele herdou as qualidades maiores. Certamente já está a merecer uma biografia mais alentada.

Já nos primeiros anos da Faculdade contaria, como viria a contar mais adiante para a criação da Universidade com o decisivo apoio do seu amigo Dinarte Mariz, que assumira o governo em 1956. Conta-se que Dinarte assegurara a Onofre que não deixaria faltar recursos à nova Faculdade, e para tal orientara devidamente seu Secretário de Finanças. Certa ocasião, este, certamente premido pelos costumeiros apertos de fluxos de caixa, viu-se forçado a atrasar certos repasses. Vem a queixa de Onofre ao Governador. Este manda convocar o Secretário, a estimada figura de Paulo Diógenes e pontifica, de modo jocoso, com seu estilo característico: “Paulo, v. vai arranjar o dinheiro de Onofre ou vai ser o seu substituto?...”

Criada a Universidade, a sua obra maior, Onofre Lopes, assumindo a Reitoria, passa o bastão da Faculdade de Medicina para Luiz Antonio Ferreira Souto dos Santos Lima.

Profissional renomado na cidade, professor conhecido, mas que nos deixou muito cedo. Lembro do cuidado enorme que ele tinha pelo nome da Faculdade, zelo, que, de resto, repito, permeava toda a instituição. Havia as bancas finais de exame das diversas disciplinas. Ele chegava e ia a quase todas para assistir às mesmas, e, como professor experimentado, aquilatar do grau de aproveitamento dos alunos, e da correção das avaliações! Guardo seu gesto paternal, pegando no meu braço, e dizendo quase num sussurro: v. sabe, não é, meu filho, estamos começando e não podemos facilitar, a Escola tem que ser acreditada pelo que ensina e pela maneira como avalia seus alunos!

E depois eles se foram sucedendo: João Machado, Joaquim Luz, Grácio Barbalho, Marcelo Carvalho, Cleone Noronha e Fernando Fonseca, até 1974, quando foi transformada em Curso Médico do Centro de Ciências da Saúde, mas que todos ansiamos que aqui e agora, professor Ivonildo Cortez sua luta encontre eco maior em que voltemos a nos chamar Faculdade de Medicina, da mesma maneira que os outros sentem saudade das suas Faculdade de Direito, de Farmácia, de Odontologia, e Escola de Engenharia, Magnífico Reitor.

A turma pioneira colou grau em 10 de dezembro de 1961, tendo Onofre Lopes como Paraninfo e Élio Barbosa como orador. Claro que dessa turma saiu o primeiro Presidente de Diretório da Faculdade, Jair Nogueira Lima. Foi logo no ano seguinte, a 8 de setembro,

que veio a falecer o primeiro médico formado aqui no Estado: Gevacy Vale de Freitas. Lembro muito dele: excelente aluno, era funcionário do Banco do Brasil, rapaz muito educado, e benquisto por todos. Dessa turma de 22 alunos, 13 vieram a ser professores da sua Faculdade e 8 não ficaram exercendo a profissão em Natal.

1962, ou seja, a segunda turma, marcará um episódio que foi único na história da Faculdade: dos aprovados no vestibular, treze solicitaram transferência para Recife, e a turma ficou com apenas sete alunos! É claro que eu e Luiz Gonzaga Bulhões sabemos os nomes dos demais integrantes.

A terceira turma diplomada – a de 1963 -- caracterizou-se por ter conseguido reunir um grupo de alunos extremamente espirituosos e que marcaram presença pelas suas histórias cheias de sadio humor. Juntamente com Ives Bezerra, Leônidas Ferreira, Deusdedith Nobre e Edisio Pereira registramos as faltas de Emilio Salem e Edson Jovino.

O vestibular não era classificatório e sempre surgiam os chamados “excedentes”. Eram os que estavam aprovados, mas não havia vagas. Certa vez, o Senador Dinarte Mariz conseguiu que grande parte deles fosse matriculada na Faculdade de Manaus, que estava nos primórdios.

A que foi admitida em 1964 coincidia com uma época de muita agitação.

Houve o tradicional excesso de aprovados, e, sob pressão, o Ministro da Educação Julio Sambaquy mandou duplicar as vagas com a promessa, não cumprida, de que daria a contrapartida financeira e operacional. Essa turma colou grau em 1969, e nela estavam meu irmão Roberto e meu primo Laíre, os primeiros de tantos familiares que pela Faculdade passariam; foi chamada até mesmo com conotação pejorativa na época, de Turma Sambaquy.

Essa é uma longa e bela história que foi passada para o papel por um dos nossos mais brilhantes egressos, que já escreveu o Jubileu de Prata, e agora faz o de Ouro, Iaperí Araújo, da turma de 1969.

Fomos tantos, muitos já se foram. Registro a saudade de uma convivência amena e amistosa, e a homenagem aos que aqui ainda estão na missão terrena. Para aqueles que ainda temos o privilégio de ter entre nós, o abraço fraterno e a confissão de quanto me honra estar por eles falando, na impossibilidade de mencionar todos os nomes.

E agora?

As vozes do tempo se levantam, pedindo contas. Fala Onofre Lopes, ao lado de Luiz Antonio, Ovídio Montenegro, Travassos Sarinho, José Tavares, Mariano Coelho, João Machado, Joaquim Luz, Milton Ribeiro Dantas, Olavo Medeiros. Eles nos perguntam: que fizeram da nossa Faculdade? E eu, convocando Cleone Noronha, Heriberto Bezerra, Hiram Diogo Fernandes, Fernando Fonseca, Eudes Moura, e tantos outros que não seria possível relacioná-los, responderia:

Entregamos uma Faculdade adulta, respeitada. O Hospital Universitário Onofre Lopes é referência maior de assistência terciária, e apesar de todas as dificuldades que enfrentam os hospitais universitários, presta um serviço inestimável à população, e realiza procedimentos de altíssima complexidade, sendo sua relação de transplantes já bastante respeitável; a Maternidade Januário Cicco criou através do prof. Leide Moraes e de sua equipe uma escola de renome, além do serviço comunitário excepcional. O Hospital de Pediatria que agora homenageia um dos seus pioneiros –Heriberto Bezerra – é motivo de orgulho para a nossa cidade. Não pertencendo à Universidade, mas recebendo dela sua seiva maior, o Hospital de Doenças Infecciosas tomou o nome de Giselda Trigueiro, tal o papel que ela representou na formação de profissionais que qualificam o magnífico trabalho ali realizado. João Machado emprestou seu nome ao Hospital de Psiquiatria, Luiz Antonio ao Hospital do Câncer, Pedro Germano ao Hospital da Polícia Militar.

Clovis Travassos Sarinho é o nome do novo Pronto Socorro, e também é Patrono do Núcleo de Cirurgia Experimental, que tive o privilégio de criar, e que já foi berço de dezenas de trabalhos e teses. Aguarda-se a ocasião em que a Liga Norte-rio-grandense de Combate ao Câncer preste a homenagem esperada a José Tavares, que a presidiu por tantos anos.

Seus egressos brilham hoje em todos os ramos da Medicina. Tornaram Natal um Centro de Excelência em

inúmeras especialidades médicas; presidem as Sociedades das Especialidades as mais diversas em âmbito nacional, realizam os mais avançados procedimentos da prática da Medicina. Trouxeram para Natal as maiores reuniões científicas do país; participam de projetos integrados de pesquisa nacionais e internacionais; publicaram centenas de trabalhos em renomadas revistas, editaram vários livros nas mais diversas áreas, dezenas e dezenas de teses foram defendidas por seus egressos; ocuparam postos em outras Faculdades: Paulina Targino dirigiu a Faculdade de Ciências de Saúde da Universidade de Brasília, onde também Armando Bezerra foi Pró-Reitor de Assuntos Comunitários e Vice-Diretor da mesma Faculdade, e dirige hoje o Curso de Medicina da Universidade Católica da capital do País; Rosenélio Carvalho atingiu o generalato no esquadrão de saúde das Forças Armadas, e como Brigadeiro dirigiu sua mais importante unidade hospitalar de saúde em Brasília, o Hospital das Forças Armadas. Carlos Dantas dirigiu o Hospital Naval de Recife. Rubens Santos é Secretário Geral do Conselho Federal de Medicina; Roberto Vital é Diretor Médico do Comitê Paralímpico Brasileiro. Ultrapassaram as fronteiras do Brasil. Posso ocorrer em omissões, mas vou citar: Laly Carneiro, que na França, alcançou todos os títulos na sua especialidade e recebeu até a Cruz da Ordem dos Cavaleiros de Malta; Mary Evelyn Dantas Flowers, internacionalmente renomada hematologista em Seattle; Jorge Abdon Bezerra, que anos atrás, em Cincinnati, ganhou

o prêmio nacional de melhor pesquisa na sua área pediátrica.

Participaram efetivamente da vida do Rio Grande do Norte: foram dezenas de prefeitos, muitos deputados estaduais e federais; temos egressos prefeitos em Goiás e no Rio de Janeiro; Daladier Pessoa Cunha Lima foi Reitor desta Universidade, e hoje é Reitor das Faculdades Reunidas de Natal; José Fernandes de Queiroz, Presidente do Tribunal de Contas; Vivaldo Costa foi vice-governador e governador do Estado, além de ter presidido a Assembléia Legislativa, posto que também coube a Álvaro Dias; Carlos Farias é Chefe da Casa Civil do Governo, Antonio Jácome é nosso atual vice-governador; enfim a Faculdade de Medicina cumpriu sua missão, combateu o bom combate e guardou a fé como falava o apóstolo Paulo.

Porque eles aprenderam aqui na Faculdade de Medicina aquele conceito maior que se aplica às Universidades, da ALMA MATER, e que é pouco apreciado, infelizmente, em nosso país. Peço emprestada a conceituação do prof. Adonis Carvalho:

“A Alma Mater é a Mãe Nutridora, o Princípio da Vida, pois dela vem o sustento representado pelo repassar da Sabedoria a impregnar dos atos de invenção, de tudo que se sabe e de tudo que se cria. A Alma Mater prepara para trilhar o caminho certo o preceito e o dom do discernimento, mas também ensinou a rebeldia intelectual, até ensinou a heresia, desde que a heresia resultante de estudos responsáveis representa uma força poderosa no

pensamento filosófico e científico, remodeladora da Sociedade Humana. A Alma Mater mostrou como detectar o erro em se com ela, aprendestes o exercício da condescendência para o que pode ser perdoado, também com ela adquiristes o sentimento da intolerância para a desonestidade, o embuste, a impostura. a mediocridade.”

É difícil resumir meio século de lutas, de emoções. Essa Faculdade foi minha própria vida e a ela dediquei meu esforço, meu amor e minha capacidade dentro de minhas limitações. Tive a devida recompensa por parte dos meus ex-alunos: aqui só fiz amigos, grandes amigos, e daqui só tenho boas recordações, e a saudade de tempos idos e vividos. Foi-me dada a ventura de ter tido centenas de alunos e depois ter ensinado seus filhos, e até seus netos. Aqui vi vários e tantos namoros começarem e resultarem em tantos casais médicos que vemos por aí. Ela representa o ponto maior de minha vida profissional, eu, que parafraseando Eça de Queiroz na sua CARTA A PINHEIRO CHAGAS poderia dizer, “sou um pobre homem da rua Alberto Maranhão, em Mossoró”.

Mas já que falei tanto do passado, e para tal fui convocado, lembremos que a história não para, e o futuro já vem se abrindo. Daladier Cunha Lima e Jessione Carvalho Lima já passaram o bastão faz tempo, e eram eles que, em 1965, 40 anos atrás, lembravam Guimarães Rosa em seu convite de formatura, dizendo que “toda saudade é uma espécie de velhice”. Auxiliadora Rocha, Juarez Ferreira, Emilia Trigueiro Paiva e Ivonildo Cortez já não são tão

calouros nessa luta, e certamente vislumbram e pavimentam o caminho para os sucessores. Amanhã, quem sabe, será a vez de Filipe Rego e Leonardo Nogueira. Assim se faz a história, assim se constrói o progresso.

E o futuro é a geração que ora desponta para o cenário da luta profissional. Repetirei com Carlos Drummond de Andrade:

“Admirável espírito dos moços
A vida te pertence. Os alvoroços
As iras e entusiasmos que cultivas
São as rosas do tempo, inquietas e vivas
Erra e procura, e sofre e indaga e ama
Que nas cinzas do amor perdura a flama “

E vou concluir, ainda falando aos jovens, em nome dos que vimos essa escola nascer, usando as palavras de Eduardo Wanderley, ele que foi tão presente no surgimento desta Faculdade.

“Nos ombros curvos pelo cansaço, pela inquietação ou pela tristeza, há como asas quebradas dos que não podem alçar vôos, dos que estão adstritos e presos à planície sempre igual e jungidos à terra sempre árida; As asas quebradas nos ombros curvos recordam e revivem o calor de longínquos momentos iguais a este, quando ainda eram bons os doces sonhos antigos. Dos jovens, cheios de vida, de asas íntegras nos ombros retos, para longos e largos vôos, sem limites no céu, sem restrições na terra, dos jovens é que vos devo falar. Traduzem a nossa força e nosso estímulo. Simbolizam a nossa esperança e o nosso

fim. Representam nossos ideais mais puros e a nossa inspiração.”

Neles eu me contemplo e sempre me inspirei. Foi com muita honra que recebi o convite de aqui dizer nesta noite inesquecível. Tive o privilégio de acompanhar a saga desta Faculdade de Medicina, e poder repetir como o poeta do I-JUCA-PIRAMA: “Meninos, eu vi!”. Encerro com o grande escritor da Galícia Ramon Maria Del-Valle Inclán: “Quando olhares tua imagem evoca tua sombra de criança-- quem sabe do passado sabe do futuro”